

COMISSÕES PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO MONÁSTICO
MONASTIC INTERRELIGIOUS DIALOGUE COMMISSIONS



INTERNACIONAL

BOLETIM

INTERNATIONAL

2006/2

P.22

ÍNDICE

EDITORIAL.....	2
Duas notícias das Comissões DIM/ MID.....	3
I.Segundo Encontro “Monges no Ocidente”.....	3
II. A chama da paz e a oração do coração.....	4
Outras notícias do diálogo de experiência religiosa.....	5
Documentos e Estudos	8
1. Carta de Bento XVI ao bispo de Assis.....	8
2. Discurso de Bento XVI aos embaixadores.....	11
3. Mensagem dos jovens aos jovens.....	12
4. Entrevista com Dom Quevedo.....	13

EDITORIAL

Esta distribuição do Boletim Internacional das comissões do D.I.M. nos permite ver melhor como os monges e monjas se engajam no diálogo inter-religioso. Eles participam, com todos os cristãos, na descoberta das outras culturas e religiões, mas eles o fazem de modo particular.

Há cinco ou seis anos, observa-se, com efeito, uma nítida aceleração da evolução das mentalidades neste campo. A necessidade do diálogo é desde então percebida em toda parte, mesmo se isto ocorre, sobretudo, pelo medo das outras religiões. Pois esta necessidade do diálogo é imposta de fora, mas ela conduz a um evidente progresso. Não é mais possível falar inadvertidamente a respeito das outras religiões. Cada um sabe que deve, de agora em diante, respeitar sinceramente os crentes das outras religiões. Isto já foi conseguido.

Mas é possível ir mais adiante. O desejo de entrar em diálogo pode ser ditado por uma necessidade, uma exigência interior da vida de fé. Aqueles que têm sentido este apelo estão determinados a não apenas nada dizer de desrespeitoso, mas também a escutar o que dizem os outros, e desejam estimá-los tanto quanto lhes é possível.

Não se deveria, contudo, opor estas duas atitudes. Uma vontade lhes é comum. Quaisquer que sejam suas motivações, todos desejam aprender a melhor conhecer os outros. O papa Bento XVI bem exprimiu esta intuição em sua alocução aos embaixadores dos países majoritariamente muçulmanos, em 25 de setembro de 2006. Ele propôs « um diálogo fundado sobre um conhecimento recíproco cada vez mais autêntico que, com alegria, reconheça os valores religiosos comuns e, com lealdade, leve em conta as diferenças e as respeite ». Um melhor conhecimento dos crentes das outras religiões permite, com efeito, ultrapassar um respeito ainda bastante voluntarista e abrir-se a uma autêntica estima pelos valores espirituais assim descobertos.

As notícias das comissões DIM / MID ilustram bem esta situação e a evolução que ela permite. Nós aí vemos as realizações concretas, freqüentemente modestas, mas sempre cordiais dos monges e monjas desejosos de participar desta obra da Igreja.

Pierre-François de Béthune

DUAS NOTÍCIAS DAS COMISSÕES DO DIM / MID

AMÉRICA DO NORTE

ESTADOS UNIDOS

I. Segundo Encontro “Monges no Ocidente”

II.

« Monks in the West » 26-29 de outubro de 2006

A torre de controle do aeroporto de Minneapolis - St Paul registrou um sinal « Alerta Laranja » quando desembarcaram uma dúzia de monges budistas, vestidos com seu hábito laranja, vindos de diferentes cantos do país. Eles se dirigiram à Abadia de St John em Collegeville, Minnesota, para estabelecer um diálogo sobre o celibato com um número igual de monges católicos.

Inaugurando o encontro, o P. William Skudlarek osb, diretor executivo do DIM / MID, declarou: « Vocês, budistas, estão refletindo a este respeito há uns 5 a 7 anos a mais do que nós. Nós temos muito que aprender. O primeiro encontro havia ocorrido na Cidade dos Dez Mil Budas, no norte da Califórnia, em 2004, reunindo 7 monges budistas e 7 católicos (ver Boletim do DIM 18). Em Collegeville, eles foram 22. Os monges católicos provinham da Abadia de St John, 5 vinham de outros mosteiros beneditinos e 2 de cistercienses. Os budistas representavam o Theravada, o Mahayana e outras tradições tibetanas.

A primeira sessão, mais teórica, tratou do « porque » do celibato. Os participantes budistas explicaram que seus ensinamentos colocam o acento sobre o modo pelo qual o sofrimento é criado e curado. Os apegos fazem nascer o sofrimento; também todo progresso na vida espiritual requer que a pessoa se desembarace de seus apegos. Os apegos aos desejos, entre eles os desejos sexuais, constituem um impedimento ao progresso espiritual.

O Fr. Gregory Perron osb, do Mosteiro St Procope, em Illinois, explicou como a vida monástica exige uma compreensão profun-

da e a aceitação da solidão. “O celibato é um instrumento, um meio eficaz para uma simplicidade da vida intencional, pelo qual nosso coração se despoja e o mais fundo do nosso ser é desnudado. Ao assumi-lo, o monge aceita a solidão que caracteriza todo ser humano”.

Em resposta às reflexões dos budistas sobre a natureza ilusória do corpo, os participantes católicos sublinharam a evolução extraordinariamente positiva do corpo nas doutrinas da encarnação, da ressurreição corporal e da Ascensão de Jesus, assim como a inabituação do Espírito Santo.

Os participantes passaram, em seguida, da teoria para a prática. O Rev. Jisho Perry da Abadia budista Shasta, na Califórnia, disse que o alcance do treinamento está em não ceder aos desejos que surgem. A essência do método budista consiste em aceitar as pulsões sexuais sem querer a elas ceder ou reprimi-las. É preciso apenas as deixar passar.

O P. Skudlarek apreciou a abordagem budista para transformar a energia sexual. « Nossa formação não nos ensinou a aceitar conscientemente os sentimentos sexuais e depois os deixar passar sem agir sobre eles. Era preciso combatê-los! E quanto mais você resiste, mais eles se tornam fortes! ». O Rev. Heng Sure, que ensinou em Berkeley, apresentou o celibato como o primeiro passo em um processo em três etapas, que vai do celibato à imobilidade, ao silêncio. « Ele não deve ser considerado como um acessório no caminho espiritual, mas como lhe sendo essencial. » Ao longo da discussão, o Fr Mark Serna osb, presidente do MID, observou que « no cristianismo, as pessoas casadas podem ser santas, elas também. Não se deve ser celibatário para ir ao céu! ».

Os monges católicos sublinharam que para eles o celibato é estreitamente relacional, baseado em uma profunda relação pessoal com Jesus. A respeito disto, Heng Sure respondeu que semelhante enfoque não era de modo algum budista: « Um budista diria que ele conduz à liberação de outros sofrimentos, tanto pessoais como, no caso da via do Bodhisattva, para outra pessoa ». O terceiro tema abordado foi o da maneira que cada tradição trata as transgressões e os fracassos.

Durante toda a sessão, os participantes começaram a jornada por uma hora de meditação silenciosa e se juntaram à comunidade para partilhar sua oração cotidiana.

No momento da partida, Lama Norbu pediu a todos os participantes para assinarem as bandeiras de oração, dizendo: «Eu retornarei ao Tibet, no próximo verão e plantarei estas bandeiras na mais alta montanha do mundo onde as energias daqueles que aqui estão e todas as comunidades que elas representam voarão rumo ao céu. » (extratos feitos pelo Padre Thomas Ryan, CSP, Conselheiro do MID).

EUROPA

Comissão italiana

II. A chama da paz e a oração do coração

...Em **Núrcia**, ocorreram várias celebrações impressionantes em torno da ‘chama da paz’, que partiu de Tbilissi, capital da Geórgia, em 30 de junho, para ser, em seguida abençoada pelo Papa durante a Audiência geral de 5 de julho.

O colóquio sobre « *a oração do coração* » (10-13 de julho), que foi acompanhado por cerca de trinta participantes, foi particularmente rico, como demonstra a enumeração dos assuntos tratados: o monaquismo oriental e a oração contínua, meio de purificação, de iluminação e de glorificação; a música e o silêncio, a música do coração no budismo; o monaquismo, uma resposta ao coração do homem; Teófano, o Recluso

e a oração do coração; o coração, ponto de contato entre o homem e Deus.

Em 26 e 27 de outubro, os membros do DIM participaram, no Instituto teológico de Assis, à conferência sobre « O espírito de Assis no 20º aniversário da Jornada de oração para a paz de 1986 ». Eles foram numerosos também na reunião nacional dos delegados diocesanos para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, de 20 a 24 de novembro.

Em 10 de setembro, os membros do DIM foram convidados a assistirem à entronização do Abade Fausto Taiten Guareschi, fundador e animador do Mosteiro Zen Soto de Fudenji Salsomaggiore (Parma), na presença de monges budistas vindos de todas as partes da Europa.

(P. Cipriano Carini osb, www.dimitalia.com)

Meditar não é estar sentado no chão sem nada fazer! Se assim fosse, as rãs seriam todas budistas! É permanecer no frescor da experiência. É muito fácil e muito difícil. Não estamos frequentemente presentes. Temos de algum modo medo da imensidão do presente e dele fugimos. A meditação é estar aberto a tudo aquilo que acontece, ultrapassando nossos julgamentos automáticos, que nos impedem de fazer este gesto. (...)

Ensinar o Dharma é transmitir algo que não é nosso, que não se conhece – o sagrado. Não se transmite uma informação, um conhecimento, mas um estado de ser. É por isto que não se pode trapacear. É preciso entrar em relação íntima, viva, com cada um como consigo mesmo através deste espaço mais vasto que tudo o que se pode conceber a seu respeito. É um trabalho que requer uma profunda ternura

Fabrice Midal (Em : « Jésus- Bouddha, quelle rencontre possible ? » , Paris, Bayard, 2006, pp.166-168)

(Em : « Jésus- Bouddha, quelle rencontre possible ? » , Paris, Bayard, 2006, pp.166-168)

OUTRAS NOTÍCIAS

DO DIÁLOGO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

« **Está fora de questão suprimir o Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso** » É o que afirmou o cardeal Poupard no *Corriere della Sera*, « É uma total mentira. E é muito grave que continue a ser relançada apesar de todas as retificações. Chegamos a encontrar interlocutores de países longínquos convencidos de que o Conselho não existe mais ou será em breve desmantelado. » Afirma ele não haver nenhuma ‘subordinação’ deste último Dicastério em relação ao precedente (o da Cultura): « Um só cardeal preside os dois Conselhos, mas estes permanecem intactos e autônomos. »

« **O diálogo das religiões e o diálogo das culturas são inseparáveis.** ».

Em uma recente entrevista à Rádio Vaticana, o Cardeal precisou que « de agora em diante, em todo lugar, o encontro das culturas e das religiões não pertence mais apenas à discussão acadêmica ou teológica, é um fato cotidiano ». No que diz respeito à relação entre diálogo das religiões e diálogo das culturas, o Cardeal disse ser impossível separá-los, o que supõe « uma atenção nova à dimensão ‘encarnada’ das religiões, pois as religiões não dialogam, quem dialoga são as mulheres e homens que têm cada um sua crença encarnada e vivida, alguns de modo milenar. Nossa tarefa consiste em intensificar estes encontros com os representantes das grandes regiões nas quais as religiões são vividas entre os crentes, em suas próprias culturas, de modo pacífico. » Insistiu ele sobre o ‘dever’ de formação neste campo: « As dificuldades atuais têm mostrado a necessidade de ir ao fundo de todos os problemas, e isto requer não apenas um grande respeito pelos outros, e o conhecimento

dos outros, mas antes de tudo um dever de formação. » Preconizou também um diálogo onde cada um tem o cuidado fundamental « de se fazer conhecer ele próprio tal como é e não como algumas vezes os estereótipos os apresentam: é muito importante, mas, como todos os fatos culturais, isto exige um esforço pouco comum ao qual nós somos chamados. » Ele recomendou primeiramente « a tomada de consciência de que o mundo está mudando... Vivemos uma mudança cultural, uma situação na qual o ‘multireligioso’ e o ‘multicultural’ engendram, de um lado, um medo terrível de perder sua própria identidade e, de outro lado, o fato de crer ingenuamente que se deve esconder sua própria identidade. Oscila-se assim entre as duas tentações, de um lado, a do relativismo e, de outro lado, a do fundamentalismo. Para mim, este é o principal desafio a realçar ». (*ZENIT.org*, 06/10/05)

Assis. Jovens de diferentes religiões celebram os 20 anos da Jornada de oração para a Paz por iniciativa do CPDI. 4 - 8 de novembro.

No início de novembro, na cidade de São Francisco, jovens de diferentes religiões celebraram os vinte anos da Jornada de oração pela paz. Eles foram convidados a participarem das jornadas de encontro de jovens de diferentes religiões, organizadas nesta semana pelo Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, juntamente com a comunidade franciscana, pelos vinte anos da Jornada mundial de oração pela paz de 27 de outubro de 1986.

Eles eram 45 jovens de 29 países, representando 13 tradições religiosas, entre elas o catolicismo, o islã, o budismo, o judaísmo, o hinduísmo e as diferentes Igrejas cristãs. O objetivo era transmitir às jovens gerações « o espírito de Assis », baseado sobretudo na oração pela paz segundo diferentes tradições religio-

sas. «Estamos apenas no começo do diálogo entre as religiões», lhes confiou o cardeal Roger Etchegaray, que veio lhes contar sua experiência como coordenador da grande jornada de 1986. O cardeal francês quis transmitir uma mensagem de esperança. «Tudo é providencial, e mesmo o dis-

curso de Bento XVI, em Ratisbonne, poderia ser um prenúncio de uma clarificação de nossas relações com os muçulmanos.» Na saída da reunião, os participantes assinaram uma **Mensagem dos jovens aos jovens**, chamando-os a serem os artífices da paz no espírito de Assis. (DOC 3)

FRANÇA

Marselha. A religião na prova da diversidade. 18-19 de setembro.

« Guerra e paz: quais os lances do jogo do diálogo ? », « Islã - Europa : choque ou encontro de civilizações ? ». Esses temas da atualidade foram abordados pelos membros do pólo europeu (umas trinta universidades) de diálogo inter-religioso e cultural criado pela Federação internacional das universidades católicas (FIUC). « Esse último acontecimento (= reações dos muçulmanos aos propósitos do papa na Baviera) indicam a distância entre as duas religiões, a dificuldade de nos compreendermos, a necessidade de nosso trabalho para melhorar isto » afirma Jean-Marc Aveline, diretor do Instituto católico do Mediterrâneo (ICM) de Marselha. Vinte e cinco pesquisadores vindos da Espanha, de Portugal ou ainda do Líbano debateram, portanto, a

respeito da representação do outro e a respeito da religião nos conflitos. Um pesquisador israelense confessou : « Através de nossas reflexões sobre os textos e a religião, as barreiras tombaram. Compreendi o sofrimento deles como eles compreenderam o meu ». O chefe do departamento de estudos religiosos de Bethléem concluiu: « É exercendo uma influência sobre a vida local que se poderá mostrar a possibilidade de convivência. Neste sentido, os cristãos do Oriente têm um papel a representar ». Para Jean-Marc Aveline, as universidades católicas representam, deste modo, na vida civil, seu « papel de educação para o diálogo inter-religioso acrescentando aos cursos uma dimensão religiosa e a aprendizagem de uma atitude aberta ao diálogo » (*La Croix*, 25 de setembro)

ITÁLIA

Assis: “Por um mundo de Paz - Religiões e Cultura em diálogo”

Vigésimo Encontro Internacional e Jornada de Oração pela Paz
Organizados pela Comunidade de Sant’Egidio e a conferência episcopal da Úmbria
4-5 de setembro

Em outubro de 1986, o Papa João Paulo II lançou a Jornada Mundial de Oração de Assis, um acontecimento histórico, sem precedentes, que reuniu lado a lado os representantes das grandes religiões do mundo. De lá, nasceu um percurso abraçado de maneira particular pela Comunidade de Sant’Egidio, que deu vida aos Encontros

Internacionais *Homens e Religiões* que percorreu, ano após ano, as principais cidades italianas e as capitais européias. Em Assis, as grandes religiões do mundo colocaram no centro o tema do diálogo entre as diferentes culturas como chave para parar o conflito de civilizações, para um desenvolvimento e uma mundialização não apenas inspirada pelo mercado, mas

capaz de focalizar as aspirações legítimas do homem e de povos inteiros, enquanto que elas se interrogam sobre as questões religiosas as mais profundas, cada uma no interior de sua tradição e numa franca confrontação com as outras e com as testemunhas importantes da cultura laica. Bento XVI ratificou assim inteiramente a linha de seu predecessor, neste encontro, que ele colocou sob o sinal de São Francisco de Assis, ‘que fez uma escolha radical de seguimento de Cristo’, e se mostrou um artífice da paz cultivando o diálogo entre as pessoas, as religiões e as culturas».

A clara tomada de posição dos homens de religião pela paz foi manifestada pela presença de 150 personalidades de primeiro plano, pertencentes a todas as grandes tradições religiosas. Do lado dos cristãos, a dimensão ecumênica era muito marcante: viam-se dois patriarcas ortodoxos, assim como numerosos metropolitas; os protes-

tantes estavam representados pelo pastor Jean-Arnold de Clermont, presidente da Igreja reformada da França, e R. Chartres, bispo anglicano de Londres. Do lado dos católicos, seis cardeais tinham se deslocado, em particular Paul Poupard, presidente do Conselho pontifício para o diálogo inter-religioso; Józef Glemp, arcebispo de Varsóvia; Alfonso López Trujillo, presidente do Conselho pontifício para a Família; e Walter Kasper, presidente do Conselho para a Unidade dos cristãos; distinguiram-se também Jean Vannier, fundador do movimento da Arca e Elias Chacour, bispo da Galiléia, conhecido por suas iniciativas de paz entre judeus, árabes e cristãos, em Israel. Personalidades laicas e do mundo político estavam também lá. Representantes laicos e religiosos se encontraram por ocasião da cerimônia final, sublinhando assim o papel universal da paz no mundo, sustentada tanto pelo pensamento laico como religioso.

O diálogo é uma verdadeira ascese, talvez até a ascese mais importante do século XXI. E, como toda ascese, ela requer uma enorme humildade. Na medida em que nosso diálogo avança, torno-me cada vez mais consciente da insuficiência do meu conhecimento do budismo, mas também de minha própria tradição cristã, o que é particularmente difícil de admitir. E, portanto, admiti-lo é a condição sine qua non de todo progresso espiritual e é um enorme passo para um autêntico abandono de si-mesmo. É, aliás, uma das razões pelas quais o diálogo se integra realmente tanto à caminhada budista como à caminhada cristã. (...)

Preciso que, quando me engajo no diálogo, aspiro sempre à conversão de meu interlocutor (inclusive você!). Mas você me conhece bastante para saber que não quero lhe converter ao cristianismo. Com efeito, trata-se desta conversão interior que permite ao outro (você no caso) ir mais longe em sua própria caminhada espiritual. E espero que todos aqueles com quem eu dialogo aspirem igualmente à minha conversão! Pois, finalmente, se duas pessoas entram em um diálogo e dele saem inalteradas, pode-se perguntar se o ‘diálogo’ em questão não era na realidade senão uma simples conversa talvez interessante, durante um certo tempo, mas que finalmente deixou todo mundo absolutamente indene. Não, o fruto natural, por assim dizer, de um diálogo autêntico é a conversão, e é sem dúvida por isto que a ascese mencionada mais acima é tão importante.

Dennis Gira,

(Em : « Jésus-Bouddha, quelle rencontre possible ? », Paris, Bayard, 2006, pp. 77 et 80)

DOCUMENTOS ET ESTUDOS

Documento 1

CARTA DO PAPA BENTO XVI A DOM SORRENTINO, BISPO DE ASSIS, PARA O XX^o ANIVERSÁRIO DO ENCONTRO INTER-RELIGIOSO DE ORAÇÃO PELA PAZ, EM ASSIS

2 de setembro de 2006. (Extratos)

Nós celebramos, neste ano, o vigésimo aniversário do Encontro inter-religioso de Oração pela Paz, desejado pelo meu venerado predecessor, João Paulo II, em 27 de outubro de 1986, nesta cidade de Assis... A lembrança do que então aconteceu continua a suscitar iniciativas de reflexão e de engajamento. Alguns foram previstos precisamente em Assis, por ocasião do vigésimo aniversário deste acontecimento. Penso na celebração organizada, de acordo com esta diocese, pela Comunidade de Santo Egídio, na esteira dos encontros análogos que ela organiza cada ano. No próprio dia do aniversário, ocorrerá, em seguida, um Congresso, organizado pelo Instituto de teologia de Assis, e as Igrejas particulares desta Região se encontrarão na Eucaristia concelebrada pelos Bispos da Úmbria, na Basílica de São Francisco. Enfim, o Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso organizará aqui um encontro de diálogo, de oração e de formação para a paz para os jovens católicos e os que provêm de outras religiões. Estas iniciativas, cada uma segundo sua natureza específica, põem em evidência o valor da intuição que teve João Paulo II, e revelam sua atualidade à luz dos próprios acontecimentos que ocorreram ao longo dos vinte últimos anos e da situação na qual se encontra atualmente a humanidade... O fato de os conflitos armados se desenrolarem hoje, em particular nos quadros das tensões geopolíticas existentes em numerosas regiões pode dar a impressão que não são apenas as diversidades culturais, mas as diferenças religiosas elas mesmas que constituem os motivos de instabilidade ou de ameaça para as perspectivas de paz.

É precisamente neste perfil que a iniciativa promovida há 20 anos por João Paulo II assume o caráter de uma profecia exata. Seu convite aos responsáveis das religiões mundiais na perspectiva de um testemunho comum de paz serviu para precisar sem equívoco possível que a religião não pode levar senão à paz. Come ensinou o Concílio Vaticano II, na Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, « nós não podemos invocar Deus, Pai de todos os homens, se nós recusamos de nos conduzir fraternalmente em relação a certos homens criados por Deus » (n. 5). A despeito das diferenças que caracterizam os diversos caminhos religiosos, o reconhecimento da existência de Deus, à qual os homens podem chegar, ao menos a partir da experiência da criação (cf. Rm 1, 20), não pode deixar de predispor os crentes a considerarem os outros seres humanos como irmãos. Não é, portanto, permitido a ninguém de se servir do motivo da diferença religiosa como pressuposto ou pretexto para uma atitude belicosa em relação a outros seres humanos.

Poder-se-ia objetar que a história conhece o triste fenômeno das guerras de religião. Sabemos, entretanto, que tais manifestações de violência não podem ser atribuídas à religião enquanto tal, mas aos limites culturais nos quais ela é vivida e se desenvolve no tempo. Contudo, quando o sentimento religioso atinge sua maturidade, ele suscita no crente a percepção que a fé em Deus, Criador do universo e Pai de todos, não pode deixar de promover entre os homens relações de fraternidade universal. Com efeito, testemunhos do laço íntimo que existe entre a relação com Deus e a ética do amor são visíveis em todas as grandes tradições religiosas. Deus mostra assim que sua natureza é o Amor. É o que quis sublinhar em minha primeira Encíclica

, que começa precisamente pelas palavras « *Deus caritas est* » (1 Jn 4, 7). Esta afirmação da Escritura não lança somente uma luz sobre o mistério de Deus, mas ela ilumina igualmente as relações entre os homens, todos chamados a viverem segundo o mandamento do amor.

O encontro organizado, em Assis, pelo Servo de Deus João Paulo II coloca de modo oportuno o acento sobre o valor da oração na edificação da paz. Nós somos, com efeito, conscientes de quanto o caminho em direção a este bem é fundamental e difícil, e algumas vezes humanamente sem esperança. A paz é um valor no qual confluem numerosos elementos. Para o construir, as vias de ordem cultural, política e econômica são certamente importantes. Entretanto, em primeiro lugar, a paz deve ser edificada nos corações. É lá, de fato, que se desenvolvem os sentimentos que podem alimentá-la ou, ao contrário, ameaçá-la, enfraquecê-la, ou sufocá-la. Por outro lado, o coração do homem é o lugar das intervenções de Deus. Eis porque, ao lado da dimensão « horizontal » das relações com os outros homens, a dimensão « vertical » da relação de cada um com Deus, no qual tudo tem seu fundamento, se revela, deste ponto de vista, de uma importância fundamental Tantos jovens, nas regiões do mundo atingidas por conflitos, são educados para sentimentos de ódio e de vingança, em contextos ideológicos nos quais se cultivam as sementes de velhos rancores e onde se preparam os espíritos para futuras violências. É necessário derrubar estas barreiras e favorecer o encontro. Estou, portanto, feliz que iniciativas programadas este ano, em Assis, caminhem nesta direção e que, em particular, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso tenha pensado em tirar disto uma aplicação específica para os jovens.

... Aproveito com agrado a ocasião para saldar os representantes das outras religiões que tomam parte em uma ou outra das comemorações de Assis. Como nós, cristãos, eles também sabem que é na oração que é possível fazer uma experiência particular de Deus e dela tirar os encorajamentos eficazes na dedicação à causa da paz. É, entretanto, necessário, igualmente aqui, evitar as confusões inoportunas. Eis porque, mesmo quando nos encontramos juntos para orar pela paz, é preciso que a oração se desenvolva segundo os caminhos distintos próprios às diversas religiões. Tal foi a escolha de 1986, e esta escolha não pode deixar de permanecer válida hoje igualmente. A convergência das diferenças não deve dar a impressão de ceder ao relativismo, que nega o sentido mesmo da verdade e a possibilidade de dela retirá-lo. Para sua iniciativa audaciosa e profética, João Paulo II quis escolher o quadro sugestivo desta cidade de Assis, universalmente conhecida pela figura de São Francisco. De fato, o « Poverello » encarna de modo exemplar a beatitude proclamada por Jesus no Evangelho: « Felizes os artífices da paz, pois eles serão chamados filhos de Deus » (Mt 5, 9). O testemunho que ele transmitiu à sua época faz dele um ponto de referência natural para todos aqueles que, hoje igualmente, cultivam o ideal da paz, do respeito da natureza, do diálogo entre as religiões e as culturas. É, contudo, importante lembrar, se não se quer trair sua mensagem, que foi a escolha radical de Cristo que lhe forneceu a chave de compreensão da fraternidade a qual todos os homens são chamados, e a qual mesmo as criaturas inanimadas - do « irmão sol » à « irmã lua » - participam de uma certa maneira. Eis porque tenho o prazer de lembrar que, simultaneamente com este vigésimo aniversário da iniciativa da oração pela paz de João Paulo II, nós celebramos igualmente o oitavo centenário da conversão de São Francisco. As duas comemorações se iluminam reciprocamente. Nas palavras que lhe são dirigidas pelo crucifixo de São Damião - « Vai, Francisco, conserta minha casa... » - na sua escolha da pobreza radical, no beijo ao leproso nos quais se exprimiu sua nova capacidade de ver e de amar a Cristo nos irmãos que sofrem, começou esta aventura humana e cristã que continua a fascinar tantos homens de nosso tempo e faz desta cidade o objetivo de inumeráveis peregrinações.

**DISCURSO DE BENTO XVI AOS EMBAIXADORES
de países majoritariamente muçulmanos acreditados junto à Santa Sé,
e a uma quinzena de representantes do Islã na Itália (extratos)
25 de setembro de 2006**

Estou feliz por vos acolher neste encontro ao qual aspirei a fim de consolidar os laços de amizade e de solidariedade entre a Santa Sé e as Comunidades muçulmanas do mundo. ...Gostaria hoje de lembrar toda estima e o profundo respeito que nutro em relação aos crentes muçulmanos... Colocando-me claramente nesta perspectiva, desde o começo de meu pontificado, aspirei a que a amizade com todos os fiéis de todas as religiões continue a se consolidar, desejando em particular o crescimento do diálogo entre os muçulmanos e os cristãos... Em um mundo marcado pelo relativismo, e que muito freqüentemente exclui a transcendência da universalidade da razão, temos absoluta necessidade de um diálogo autêntico entre as religiões e as culturas, um diálogo capaz de nos ajudar a ultrapassar juntos todas as tensões em um espírito de vantajosa compreensão. Em continuidade com a obra empreendida por meu predecessor, o Papa João Paulo II, aspiro, portanto, vivamente a que as relações inspiradas pela confiança, que se instauraram há alguns anos entre cristãos e muçulmanos, não apenas continuem, mas se desenvolvam num espírito de sincero e respeitoso diálogo, um diálogo fundado sobre um conhecimento recíproco cada vez mais autêntico, que reconheça com alegria os valores religiosos comuns, e com lealdade leve em consideração as diferenças e as respeite... O diálogo inter-religioso e intercultural é uma necessidade para juntos construirmos este mundo de paz e fraternidade, desejado ardentemente por todos os povos de boa vontade. ... Para atingir estes objetivos, cristãos e muçulmanos devem aprender a trabalharem juntos para evitar toda forma de intolerância e se opor a toda manifestação de violência... Que as relações inspiradas pela confiança, instauradas há muitos anos entre os cristãos e muçulmanos, não apenas continuem, mas se desenvolvam em um espírito de diálogo sincero e respeitoso, um diálogo fundado sobre um conhecimento recíproco cada vez mais autêntico, que reconheça com alegria os valores religiosos comuns, e com lealdade leve em consideração as diferenças e as respeite... Na situação na qual se encontra o mundo hoje é um imperativo para os cristãos e muçulmanos de se engajarem em superarem juntos os numerosos desafios que enfrenta a humanidade, especialmente no que diz respeito à defesa da promoção da dignidade do ser humano e dos direitos que dele derivam. Que Deus misericordioso nos conduza pelas veredas de uma compreensão recíproca e sempre mais verdadeira.» (*Agência Fides* 25/9/2006).

Documento 3

MENSAGEM DOS JOVENS AOS JOVENS

Assis, 8 de novembro de 2006

Nós, os jovens, representamos uma nova geração e uma nova esperança. Estamos decididos, quando voltarmos para nossas famílias e nossas comunidades, a sermos os advogados da compreensão e do respeito inter-religioso e intercultural. Nós aceitamos a responsabilidade de continuarmos o diálogo aqui começado, em Assis, nós nos engajamos totalmente a trabalhar pela justiça, a sermos instrumentos da paz em nossas pátrias e nos quatro cantos da terra ... Viemos juntos à Assis, chamados de umas 30 nações e representando 13 tradições religiosas, para comemorarmos o 20º aniversário do Dia histórico de oração pela Paz do mundo, de 1986. Convidados pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, e enviados por nossas comunidades e organizações religiosas, nós, os jovens viemos aqui para trazer a chama da paz iluminada por nossos responsáveis espirituais, há 20 anos, nestes mesmos lugares sagrados. Nós nos encontramos com honestidade e sinceridade para construir os laços de fraternidade que nos unissem enquanto irmãos e irmãs em humanidade, feitos por e em Deus. Com nossos desejos comuns de felicidade, justiça e verdade, nós entramos em um diálogo autêntico. Nós partilhamos e aprendemos coisas sobre a cultura e a fé uns dos outros, não para minimizar nem para ignorar nossas diferenças, mas para crescer no respeito mútuo, na estima e na compreensão. Embora não partilhando as mesmas convicções religiosas, nós herdamos a mesma terra e nós partilhamos a responsabilidade comum de cidadãos fiéis e de bons administradores da criação... Oramos segundo nossas tradições religiosas respectivas, implorando a Deus o dom precioso da paz. E enquanto orávamos em diferentes lugares, estávamos unidos em um só objetivo: orar pela paz. Deste modo, nós demos testemunho da verdade que « a oração não divide mas une, e que ela é um elemento decisivo para uma pedagogia da paz eficaz, fundada sobre a amizade, a aceitação mútua, e o diálogo entre as culturas e as diferentes religiões, como escreveu o papa Bento em sua mensagem para o 20º aniversário do primeiro encontro de Assis. Nós viemos como peregrinos no local da conversão de São Francisco de Assis, há 800 anos, quando Deus chamou Francisco : « Vai, reconstrói minha casa ». Assim hoje, no espírito de nossas respectivas religiões, nós, os jovens, escutamos o apelo para «ir reconstruir nosso mundo», freqüentemente quebrado pela violência e pela guerra. Chamamos todos os povos dizendo que a paz não é apenas alguma coisa que se deva buscar nas salas dos governos, mas também em nossas sinagogas, nossas igrejas, nossas mesquitas, nossos templos, nossos pagodes, nossos gurudwaras, nossos atash berhrams, nossas escolas, nossos locais de trabalho, nossas casas e, o que é mais importante que o resto, em nossos corações » (*ZENIT.org,15/11/06*)

Nós nos esforçamos de seguir a vereda da paz conduzidos pelos preceitos de nossas tradições religiosas respectivas. No 'espírito de Assis' e a uma só voz, nós fazemos eco às palavras do grande embaixador da paz, o Servo de Deus, o Papa João Paul II, e nós gritamos « Nunca mais a violência! Nunca mais a guerra ! Nunca mais o terrorismo ! Em nome de Deus, que todas as religiões possam trazer sobre a terra a justiça e a paz, o perdão e a vida, o amor ! Nós jovens, nós representamos uma nova geração e uma nova esperança. Estamos decididos a voltar para nossas famílias e comunidades para sermos os artífices da compreensão e do respeito multireligioso e multicultural. Aceitamos a responsabilidade de continuarmos o diálogo aqui começado, em Assis, nós nos engajamos totalmente a trabalhar a tempo completo pela justiça, a sermos instrumentos da paz em nossas pátrias e em cada extremidade da terra ... (*Agência Fides, 21/10/06*).

ENTREVISTA COM DOM ORLANDO QUEVEDO

UCANEWS, 22 de outubro de 2006

«O caminho a percorrer é longo, mas há razões de esperar», indica a agência 'Igrejas da Ásia' em conclusão à entrevista com Dom Orlando Quevedo, o Secretário-Geral da Federação das Conferências episcopais da Ásia (FABC). Ele dá aqui sua opinião a respeito da evolução do diálogo inter-religioso na Ásia.

Q : Quais são as vias concretas do diálogo na Ásia?

D. Quevedo : A primeira ocasião de diálogo inter-religioso é quando as pessoas, os leigos, vivem lado a lado, se misturam e partilham os desafios de cada dia com seus vizinhos. O cristão age de tal ou tal maneira em função de sua fé e da crença que o Senhor Jesus guia sua vida.

A segunda coisa que os leigos podem fazer é, quando eles constatarem as dificuldades em sua vizinhança, os problemas muito concretos como pobres abandonados que são deixados em necessidade, por ocasião de catástrofe natural, por exemplo. Este é uma outra etapa do diálogo inter-religioso: pessoas de religiões diferentes agem conjuntamente para uma ação caritativa ou trabalham juntas para uma ação de justiça. É o que se chama de diálogo de ação.

Um outro nível do diálogo inter-religioso é quando, em momentos mais calmos, pessoas de religiões diferentes se reagrupam para um momento de oração ecumênica ou inter-religiosa. Elas oram ao mesmo Deus e, a partir desta oração conjunta, elas podem começar uma partilha sobre suas crenças respectivas. O cristão pode dizer: « É assim que nós oramos por que é assim que Jesus nos ensinou: 'Pai nosso que estais nos céus'...» É, então, – e apenas então – que estas pessoas podem partilhar suas experiências religiosas. É a partilha na oração.

As pessoas podem também partilhar os ensinamentos de suas fés respectivas, como nós o fazemos, nós bispos das Filipinas, que mantemos este gênero de diálogo inter-religioso com os protestantes e os *ustad* (responsáveis religiosos muçulmanos). Uma vez, nós evocamos como o Alcorão falava da paz e como era considerado o desenvolvimento humano. Um *ustad* deu testemunho, e me foi pedido para dizer como a Bíblia falava da paz, do desenvolvimento social e da promoção humana. Trata-se lá de um diálogo de ensinamentos e nós o mantemos a fim de que as pessoas compreendam que aquilo que fazemos e cremos saiu dos Textos sagrados. Em seguida, os teólogos podem se reunir para começar a debater estas coisas com os universitários muçulmanos.

Q : O que a Igreja deve fazer para que o diálogo produza frutos?

D. Quevedo: Eu citaria os leigos, pois eles são freqüentemente deixados de lado. É necessário desenvolver uma catequese para as pessoas que vivem entre os crentes de outras religiões, a maneira pela qual eles devem respeitar as outras religiões e, ao mesmo tempo estarem convencidos de suas próprias crenças, o modo de partilhar suas crenças sem se mostrarem agressivos ou militantes, quer seja na ação, na vida de todos os dias ou na oração.

Para os padres, é o mesmo, mas uma abordagem mais sistemática é necessária. Muito freqüentemente, os padres nos seminários abordam as questões doutrinárias como alguma coisa que é ensinado unicamente àqueles que são crentes, mas a doutrina deve ser interiorizada de tal maneira que os padres tenham condições de partilhar suas convicções de maneira humilde e respeitosa com pessoas que não partilham sua fé.

Deste ponto de vista, os católicos podem aprender com os evangélicos. Eles conhecem sua fé. Eles podem citar a Bíblia. Mas não devemos imitar o modo de fazer de certos evangélicos que têm um discurso agressivo, num tom militante, e que tem como consequência fechar as pessoas e colocá-las umas contra as outras. É importante que nós encontremos um justo meio termo

entre moderação, humildade e respeito. Devemos desenvolver nossa capacidade de conhecer a teologia da criação, a paróquia, a teologia da missão, mostrando-nos capazes de interiorizar isto a fim de, em seguida, estar em condições de o comunicar de diferentes maneiras.

Q : Segundo o senhor, quais são os sinais concretos da esperança a respeito do diálogo inter-religioso, na Ásia?

D. Quevedo : Uma razão concreta para ter esperança, por exemplo, é o diálogo que existe entre os bispos e os ulemás, no seio da Conferência dos Bispos e Ulemás. Recentemente, bispos e ulemás indonésios foram a Mindanao, nas Filipinas, para observar o que se vive no seio desta conferência.

Um segundo sinal de esperança poderiam ser as iniciativas tomadas em certas dioceses filipinas para fazer descer este diálogo inter-religioso do nível dos bispos e dos ulemás ao dos irmãos, dos ustad e dos padres. Algumas paróquias em Mindanao mantêm um tal diálogo no nível da base, na paróquia de Pikit, por exemplo, na arquidiocese de Cotabato, onde o diálogo inter-religioso permitiu construir uma comunidade de harmonia e de paz. Tais exemplos deveriam estar de modo geral, em todos os lugares, onde as pessoas de diferentes religiões vivem lado a lado. O caminho a percorrer é longo, mas há razões de esperar.

Além disso, entre os bispos recentemente nomeados para a Ásia, encontram-se cada vez mais frequentemente religiosos ou professores de seminário. Muito frequentemente, a perspectiva de um padre diocesano é a de sua Igreja local. A perspectiva de um religioso está além da Igreja local e os professores de seminário valorizam a necessidade de formação dos padres para responder às expectativas dos tempos atuais e àquelas das almas que lhes são confiadas. Há, portanto, sinais que indicam que Roma, pelas nomeações que lhe são feitas, se mostram atentas à missão e à formação contínua dos padres. (ZENIT.org,22/11/06)

Creio cada vez mais que não existe diálogo profundo com os homens do Islã senão a partir deste alvo radical – e teológico, no sentido mais forte -- pelo qual já estão unidos lá onde tantos nos precederam, marcados até em sua morte, pelo sinal de suas fés respectivas. Esta realidade do Reino – sua comunhão da glória na total submissão do Filho – cabe-nos encarná-la desenvolvendo todas as complementaridades virtuais de nossas fidelidades a Deus. É suficiente, aliás, crer que este Deus que nos chama a orarmos uns pelos outros, pode se impacientar de ver que somos tão pouco propensos a corresponder, isto é a responder juntos. Quem ousa esta correspondência percebe melhor e com que alegria o quanto apenas a fé pessoal é viva, e que lhe é bem impossível de se exprimir através dos anátemas que nós nos lançamos uns aos outros há séculos.

Christian de Chergé
citado por J. M. Aveline em
'Evolução dos problemas em teologia das religiões'
(Pesquisas de ciência religiosa, Tomo 94/4, p. 519)
